

O velho mundo já não existe.

Por ordem de prioridade, de acordo com o que mais nos está no coração e com os nossos objetivos, tal como foi abordado na conferência de ONG realizada de 14 a 17 de abril, em Estrasburgo. A nossa rede, a European Network Church on the Move, tem ali um estatuto participativo. Ou seja, um estatuto oficial. O seu representante (o abaixo assinado) possui, portanto, um crachá permanente que lhe permite aceder sempre aos edifícios do Conselho da Europa. Mas primeiro tem de passar pela segurança, que está sempre a emitir bipes inesperados. Da nossa rede veio um participante cego, Ricardo, um espanhol que tive o prazer de acompanhar em parte, mas também foram encontrados três voluntários em Estrasburgo que o ajudaram a superar todos os obstáculos e buracos complicados nas ruas. Felizmente, ambos ficámos alojados muito perto, em Saint Thomas, num local gerido por irmãs religiosas.

A comissão inter-religiosa/interfilosofica, da qual somos membros, avançou um pouco mais no longo processo político. Gostaríamos de ver uma comissão com o mesmo nome instalada no Conselho da Europa. Mas muito mais abrangente do que apenas as religiões abraâmicas. Os budistas, por exemplo, não fazem parte do grupo. Isso é, naturalmente, um ponto sensível, pois até agora apenas homens vestidos com longas túnicas têm participado numa espécie de comissão que pouco faz. Isso significa, em primeiro lugar, elaborar textos que lhe conferam credibilidade. Mas agora temos realmente um pé na porta do Conselho. E já estamos a trabalhar nisso há dois anos. Os moinhos europeus e divinos giram lentamente. É impressionante o trabalho para combater o discurso de ódio na Europa. As redes sociais, por exemplo, estão repletas disso. Isso resultou em muitas ONG diferentes a dedicarem-se à monitorização de incidentes. Trata-se, então, de manifestações de antissemitismo e antimusulmanismo. Ainda não é monitorizado o discurso de ódio contra cristãos. Isso também é um fenómeno emergente. As escolas continuam a ser locais seguros para crianças e adolescentes? É claro que o papel do Estado de Israel é algo que suscita muita discussão, assim como o papel do Estado iraniano no que diz respeito aos muçulmanos, mas deve ser feito um esforço extremo para não politizar a questão. Os incidentes em todas as frentes têm de parar, pois apenas causam mais antagonismos. Não é fácil manter-se neutro nesta matéria. No entanto, essa é a tarefa do Conselho da Europa. Estudos revelam que as pessoas transgénero são as que mais sofrem discriminação e discurso de ódio. A bolha em que geralmente vivemos não percebe muito disso, mas são sobretudo os jovens que sofrem muito com isso. A nível local, especialmente no âmbito educativo, está-se a trabalhar arduamente para combater esta situação, mas, no debate público, fiz a observação de que talvez estejamos a perder a «guerra». O novo mundo holístico, sustentável e inclusivo ainda não existe. Afinal, tudo está interligado. Isso é que é a novidade. Por fim, Ricardo questionou por que razão os documentos não são, na verdade, acessíveis a um participante cego. Por que não em braille? Muito pertinente, mas a resposta fica no ar. É claro que se discutiu muito mais, mas é para isso que serve o site.
<https://www.coe.int/en/web/ingo/april-2026> Não deixe de ver o trabalho para a comissão dos migrantes. Pelo qual trabalhamos arduamente.

Henk Baars